



Episódio 90

## Testemunho contextualizado

*No episódio passado conversamos um pouquinho sobre a diferença de colocar o foco do nosso trabalho em convidar para ir na igreja, muito comum em países como o Brasil, e como focar o trabalho missionário no testemunho. Quem sabe, você ficou se perguntando de coração “Mas, Liz, como é testemunhar?”, conversaremos sobre isso hoje.*

### Como posso testemunhar?

É comum ficar um pouco confuso(a) com o que quer dizer testemunhar de verdade, porque às vezes, nos baseamos no “igrejês”, aquele dialeto que usamos dentro da igreja, mas raramente nos perguntamos o que realmente significa o termo. “Testemunhar” é uma dessas palavras e hoje quero apresentar dois modelos que encontramos na Bíblia, que não prestamos atenção porque viemos de uma cultura muito focada na razão, ou seja, baseado no conhecimento bíblico. Isso é uma coisa que precisamos observar porque nem todas as culturas lidam com as decisões da vida como nós, então de forma curta será uma revisão de como testemunhar em um contexto secular e como testemunhar em um contexto que não é baseado na racionalidade (curiosamente é a grande maioria do mundo).

### Contexto secularizado

Para cairmos de cabeça, o primeiro exemplo é de testemunho no contexto muito secular. Está na Bíblia de forma tão clara que não sei como não percebemos e não aplicamos no nosso dia a dia. E

tem muita gente trabalhando em países secularizados, seja na América do Sul, Europa ou Hemisfério Norte, que continua usando técnicas como as do Brasil. Quantas vezes converso com missionários que me contam sobre programas feitos na igreja sem receber visitantes e penso “Tá, mas quem disse que era para convidar para igreja?”. Não olhamos para a própria Bíblia. No velho testamento vemos algumas pessoas que trabalharam em contextos completamente diferentes dos seus, inclusive em grandes potências econômicas e políticas da época, que não entendiam a vida como uma relação direta com uma entidade que tem senhorio sobre nós. Desse modo, era uma forma de secularização que trabalhava o conceito de religiosidade muito diferente das religiões monoteístas.

Alguns dos personagens que me chamam mais atenção, sem dúvida, são Daniel e seus amigos. Eles estavam na superpotência da época, num contexto muito parecido com o que hoje chamamos de secularizado, no sentido de buscar os próprios prazeres e a multiplicidade de visões de mundo. Desde já, quero te convidar a tomar tempo para estudar os quatro primeiros capítulos do livro de Daniel que mostra claramente como foi o testemunho dele e dos amigos para Nabucodonosor e seu processo de conversão.

No primeiro capítulo vemos o ponto de contato. Daniel simplesmente testemunha para Nabucodonosor e para as pessoas da corte por meio do seu estilo de vida. A questão da saúde sempre abre muitas portas, seja para quem é vegetariano ou quem não come carne de porco e não ingere álcool, gera uma oportunidade de comunicação e em culturas secularizadas, atualmente, essa preocupação com a saúde e a alimentação é algo que pode ser uma porta de entrada muito legal porque há interesse por essas questões.

Não vemos a conversão ou batismo de ninguém no primeiro capítulo, mas também não podemos achar que a conversão de Nabucodonosor se deu no vácuo lá no capítulo 4. O processo de conversão começou aqui, com o impacto que recebeu ao ter contato com esses jovens que tinham um estilo de vida diferente, que se portavam de maneira diferente e curiosamente eram extremamente inteligentes (uma coisa que vocês sabem que eu bato muito na tecla aqui).

No segundo capítulo, finalmente Daniel tem a chance de apresentar para o rei o conhecimento de que Deus é soberano e revela o futuro para seus servos. Normalmente nesse contexto, teremos uma abertura maior ao apresentar a Bíblia pela fidedignidade das profecias, o que é muito atrativo para uma mente secular e Nabucodonosor ficou extremamente impressionado. Assim, começamos a ver uma pontinha de algo mexendo no coração dele, o que ainda não é uma conversão completa. Houve um reconhecimento, mostrado no versículo 47, “certamente o vosso Deus é o Deus dos deuses”.

Nabucodonosor então engrandece Daniel colocando-o como governador da Babilônia e no verso 49 do capítulo três vemos o próximo passo do testemunho que é a lealdade e adoração. Nele a pessoa entenderá que adoramos a Deus que Ele tem soberania em nossa vida. Parar na profecia não é suficiente, é importante que as pessoas às quais testemunhamos tenham contato com a nossa fidelidade a Deus. O impacto aqui é justamente pela fidelidade genuína ao Deus de Israel. No entanto, vemos novamente que Nabucodonosor ainda não tinha entendido realmente o que significava servir a Deus. O rei faz um decreto para que nenhuma nação blasfeme contra Deus, e sabemos que Deus não é impositivo. Só no capítulo quatro Deus intervém na vida de Nabucodonosor e acontece a verdadeira conversão.

É muito fácil num contexto secularizado desistirmos no começo, mas como foi com Daniel, pode ser que demore anos para um testemunho completo e o mais importante é ir até o final. O ponto principal aqui dessa história é a atuação de Deus na conversão. Ela só vem por meio do Espírito Santo e precisamos entender que se chegou nesse ponto do testemunho e a pessoa não aceitou o convite para ir na igreja, nossa parte é ser essa luz no caminho, apontando para Deus, esperando Ele consumir esse processo de conversão. Falamos de conversão como um evento, porém é um processo que até os discípulos de Cristo passaram.

## **Culturais baseadas no relacionamento**

O último ponto são culturas que não estão baseadas no nosso viés intelectual, através do convencimento da verdade. Muitas culturas não são focadas na decisão intelectual, e sim na experiência

pessoal e nos relacionamentos. Quando fazemos um testemunho baseado puramente em racionalidade, deixamos uma série de áreas da vida da pessoa não contempladas, o que abre espaço para sincretismo porque foi convencida intelectualmente, mas não viu a atuação de Deus em todas as outras áreas da sua vida.

Um exemplo simples da nossa abordagem focada apenas no aspecto intelectual ou racional é: toda vez que pergunto o que é fé em países ocidentalizados como o Brasil, a resposta na ponta da língua é **Hebreus 11:1**, que diz “fé é a certeza de coisas que se esperam e convicção dos fatos que não se veem”, mas sabemos realmente o que isso quer dizer?

O próprio Paulo que fala tanto de fé, por vezes de forma tão complexa, resume em **Romanos 4:21** a verdadeira fé, falando sobre a justificação pela fé de Abraão. O tempo todo é falado que Abraão teve fé e neste versículo Paulo explica que esta fé se traduzia em algo simples: Abraão estava “plenamente convicto de que Deus era poderoso para cumprir o que prometera”. Ou seja, ele sabia que a palavra que sai da boca de Deus se cumpre, assim como vemos na criação. Em termos práticos é isso, fé é ter certeza de que quando Deus fala, Ele faz.

É por isso que Jesus falou que o Centurião Romano, em **Mateus 8**, tinha fé maior do que os de Israel mesmo, porque ele entendeu claramente quem era Jesus e qual era o nível de Sua autoridade e poder.

Ou seja, o testemunho em diferentes contextos vai envolver diferentes habilidades e abordagens. O testemunho deve ser contextualizado à forma de pensar e se relacionar do local. Assim, temos muito mais chance de sermos eficazes onde quer que estejamos.